

MODOS DE SUBJETIVAÇÃO MASCULINOS E EXERCÍCIO DA PATERNIDADE

Rodrigo Lira da Silva¹; Jorge Lyra²

¹Estudante do Curso de Graduação em Psicologia- CFCH – UFPE; E-mail: rrodrigolira@gmail.com,

²Docente/pesquisador do Depto de Psicologia – CFCH – UFPE. E-mail: jorgelyra@gmail.com.

Sumário: Este trabalho objetiva compreender como os modos de subjetivação influenciam no exercício da paternidade. Através de um estudo qualitativo tendo como referencial teórico-metodológico as Práticas Discursivas (MEDRADO; SPINK, 2013) foram realizadas duas entrevistas individuais com dois homens pais de 40 e 59 anos, respectivamente moradores da Várzea/Recife-PE. As pesquisas sobre masculinidades começam a ganhar força no âmbito acadêmico, assim como os estudos sobre paternidade. Explorar o contexto patriarcal de um modo apenas social é subjugar a subjetividade do sujeito. Nesse sentido, torna-se importante compreender a constituição do sujeito pela subjetivação, visto que a organização cultural quando questionada na perspectiva das teorias feministas de gênero, oferece ao indivíduo uma enésima de possibilidade para subjetivação, para fazer de si sua “obra de arte”, ao mesmo tempo que inventa e reinventa códigos e estilos de viver (DOMINGOS, 2015). Por conseguinte, torna-se necessário entender que processos o homem subjetiva para se inventar e reinventar. Dessa forma, trabalhamos com três eixos de análises: experiências na infância, o que é ser homem? E o que é ser pai? A partir desses eixos concluímos que as novas configurações familiares, mediante o envolvimento paterno é um fator social que redefine os papéis atribuídos aos homens e as mulheres.

Palavras-chave: paternidade; práticas discursivas; masculinidades; memória; subjetividade;

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa compreender como os modos de subjetivação influenciam no exercício da paternidade. Por meio de localização e identificação de material potencialmente relevante (LUNA, 2009), este trabalho está pautado nas discussões de gênero, mais precisamente no campo das masculinidades, no que concerne sobre os estudos da paternidade. A partir da década de 90 as pesquisas sobre masculinidades começam a ganhar força no âmbito acadêmico, assim como os estudos sobre paternidade, elas revelam um pai ausente no que concerne ao acompanhamento do processo de desenvolvimento da criança desde a gravidez. Dessa forma, é importante ressaltar que a família está diretamente ligada aos processos relativos à cultura (STAUDT, 2007), já que as atribuições de gênero são determinadas cotidianamente nas relações culturais, pois cabe a mulher determinadas tarefas e ao homem, outras.

Explorar o contexto patriarcal de um modo apenas social é subjugar a subjetividade do sujeito que está inserido nessa cultura que é pautada nas diferenças sócio-sexuais. Nesse sentido, torna-se importante compreender a constituição do sujeito pela subjetivação, visto que a organização cultural quando questionada na perspectiva das teorias feministas de gênero, oferece ao indivíduo uma enésima de possibilidade para subjetivação, para fazer de si sua “obra de arte”, ao mesmo tempo que inventa e reinventa códigos e estilos de viver (DOMINGOS, 2015). Assim, fala-se de subjetividade distribuída, socialmente construída, dialógica, descentrada, múltipla, nômade, situada, de subjetividade inscrita na superfície do

corpo, produzida pela linguagem (KVALE apud DOMÈNECH; GOMES; TIRADO 2001 p. 113).

Por conseguinte, ao discutir os modos de subjetivação, torna-se necessário entender que processos o homem subjetiva para se inventar e reinventar. Entendemos, assim que esses processos podem ser as experiências de vida que estão atreladas a memória, pois é através da memória que o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem (tanto no tempo como no espaço) conferindo-lhe sentido (CANDAU, 2014, p. 61). Dessa forma, entendemos que em um passado filtrado e colocado em forma de crivo da memória, consideramos ser a causa do que somos e do que seremos (CANDAU, 2014, p. 65).

MATERIAIS E MÉTODOS

Como procedimento metodológico para a elaboração deste trabalho adotamos como referencial teórico-metodológico as Práticas Discursivas que se caracterizam pela linguagem como uma prática social, ao ter o seu aporte no construcionismo social no âmbito da produção de sentidos. As Práticas Discursivas, por sua vez, remetem, aos momentos de ressignificações, de rupturas, de produção de sentidos, ou seja, correspondente aos momentos ativos do uso da linguagem, nos quais convivem tanto a ordem como a diversidade (MEDRADO; SPINK, 2013).

Por meio dessa perspectiva, entrevistamos dois homens pais, o Francisco e o João¹ com idades de 40 e 59 anos, respectivamente. Ambos participaram dos grupos focais que é uma técnica de pesquisa qualitativa, derivada das entrevistas grupais, que coleta informações por meio das interações grupais (MORGAN, 1997 apud TRAD, 2009, p.780). A escolha pelo método da entrevista individual se deu porque a entrevista é entendida como um processo dialógico em que ocorre negociação de pontos de vista e de versões sobre os assuntos e acontecimentos, e que vai posicionando ambos/as os/as participantes durante a sua interanimação (AGARAKI; LIMA; PEREIRA; NASCIMENTO, 2014, p. 59).

RESULTADOS

O material discursivo foi analisado a partir das práticas discursivas. Através delas foram gerados eixos temáticos para análise, apresentados a seguir:

1. Experiências na infância
2. O que é ser homem?
3. O que é ser pai?

DISCUSSÃO

Experiências na infância

Na fala a seguir feito com João, é possível analisar a formação das experiências na vida de um sujeito a partir da sua relação com seu pai:

“Olhe, um dia, se você chegar em casa nunca discuta na frente dos seus filhos”. Ele sempre dizia isso. – “E se acontecer isso, você tente mostrar que é uma conversa, não é uma briga”. Ele sempre falava isso. E é por isso que eu digo que nunca escutei, se meu pai e minha mãe brigava a gente não via. Ele nunca bateu na gente, a gente apanhava mais da minha mãe do que dele. - **João**

¹ Nomes fictícios

Diante desse momento com seu pai, João expõe uma relação em que lições são passadas de pai para filho, visto que isso constitui uma memória de futuro que ao ser subjetivada o constitui como homem e pai. Nesse sentido, uma vez a relação sendo objetivada por um processo de subjetivação, o que se tem como resultado é o sujeito ou como entendem alguns teóricos “processos identitários” que atuam na formação de um indivíduo (DOMINGOS, 2015, p.33).

O que é ser homem?

Compreendemos que cada homem constrói a sua própria masculinidade por meio de parâmetros sociais e subjetivos, como no diálogo abaixo:

Entrevistador – Como você foi construindo sua própria masculinidade?

Francisco – Bem, através do dia a dia. Porque a gente *veve* num mundo [...] antigamente a vivia no meio *dos macho*, era aquele negócio de macho mesmo (*risos*). Ou você era ou não era. Então, através disso a gente saia pra cabaré, saia pra [...] ah, porque agora é uma facilidade, você vai daqui pra ali tem mulher. Mas antigamente era difícil, a gente saia, ia em São Lourenço, ia pra o centro da cidade. Lá era bom que a gente escolhia. Chegava lá a gente via umas mulatas, eles ficavam com a gente, dançando e tudo.

Na cultura patriarcal que estamos inseridos, o homem precisa seguir e adotar determinados comportamentos que são postos na medida que o homem envelhece. Entretanto, a cultura não é estável, ela é fluida mediante as relações de gênero quando elas são questionadas. Nesse sentido, Francisco se depara com parâmetros sociais de homem no que concerne ao exercício de sua sexualidade. Porém, não é apenas na sexualidade que o homem experimenta diferentes posições, mas também da forma como ele se organiza socialmente com o outro ao subjetivar o arranjo do eu com o outro.

O que é ser pai?

Nos dias atuais é possível ver pais de todas as idades apresentando comportamentos antes considerados como inadequados a esse papel, o que se chama de “novas formas de paternidades” (TONELI et al, 2011). Por meio dessa afirmação percebemos que assim como cada homem possui a sua masculinidade, cada homem, também, é um pai que atua de um modo singular, a partir do contexto social e subjetivo que o molda. No diálogo apresentado a seguir, percebe-se como Francisco reorienta a paternidade de exclusão que lhe foi conferida num processo de formação de sua identidade proporcionado pela subjetivação de suas experiências na infância:

Entrevistador – E você enquanto pai?

Francisco – Ah, eu como pai, eu sempre fui presente. Sempre presente. Eu nunca, nunca deixei faltar as coisas. Só me desgostou um pouco minha menina, a mais velha, quando ela tinha 14 anos, aí ela foi fazer o supletivo, já *tava* fazendo o supletivo, eu sempre *tava* presente. Nessa época eu tinha uma *Kombi véia*, e eu ia buscar ela no colégio. Aí ela dizia – “Painho, o senhor quando vier pode parar bem distante”, que era pra ninguém ver meu carro velho (*risos*).

Ressignificar a paternidade é parte de um movimento que mostra que os homens se sentem capazes de assumir o cuidado de seus filhos/as (TONELI et al, 2011). Jorge Lyra (1998) afirma que entre o pai e o/a filho/a existe um afastamento que necessita ser repensado, a proporção que é conferida ao pai uma distância após o nascimento. Nesse sentido, questionar essa distância é pôr em xeque a configuração social existente entre os homens e as mulheres no arranjo familiar.

CONCLUSÕES

Por reconhecer a pluralidade das relações sociais marcadas pelo gênero, este trabalho configura o primeiro caminho para a construção de um alicerce pautado na maleabilidade da produção de conhecimento na conjuntura das Ciências Humanas no que se refere aos estudos dos homens/pais. Nesse sentido, compreendemos que as novas configurações familiares, mediante o envolvimento paterno é um fator social que redefine os papéis atribuídos aos homens e as mulheres frente a uma cultura patriarcal.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao CNPq/ Propesq pelo apoio durante o desenvolvimento deste trabalho. E agradecemos a Juliana Gama, Patrícia Caetano, Nathalia Tavares e Ana Paula Pimentel pelas contribuições.

REFERÊNCIAS

- ARAGAKI, Sérgio; LIMA, Lúcia; PEREIRA, Camila; NASCIMENTO, Vanda. Entrevistas: negociando sentidos e coproduzindo versões de realidade. In: SPINK, Mary jane et all (Org.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014, p. 57-92.
- CANDAU, Joël. Da mnemogênese à memogênese. In: CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2014, p. 59-82.
- DOMÈNECH, Miguel; GÓMEZ, Lucía; TIRADO, Francisco. A dobra: psicologia e subjetivação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- DOMINGOS, JJ. A subjetivação como processo de constituição do sujeito. In: DOMINGOS, JJ. **Discurso, poder e subjetivação: uma discussão foucaultiana**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2015, p. 32-40.
- LUNA, Sergio Vasconcelos. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2009.
- STAUDT, Ana Cristina Pontello. **Paternidade em tempos de mudança: uma reflexão sobre a contemporaneidade**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007 pp 7-27. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/20/TDE-2007-06-13T171711Z-671/Publico/391027.pdf>. Acessado em: 8 Set. 2015.
- TRAD, Leny A. B. Grupos Focais: conceitos procedimentos, e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n 3, 2009.
- TONELI, Maria J. F.; ARAÚJO, Suzana A.; AMARAL, Marília S.; SILVA, Fernando L. S. Exercícios e atribuições sociais da paternidade: pequeno balanço de uma década de pesquisa. In: TONELI, Maria J. F.; MEDRADO, Benedito; TRINDADE, Zeide A.; LYRA, Jorge (Orgs). **O pai está esperando?** Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.